

É verdade que os mares polares também têm ilhas abertas aos ventos glaciaes, com uma flora e uma fauna inferiores e antros putredineos, onde ronca o esquimó — essa escoria humana — de ventre para o ar, hediondo na sua cobertura luzidia de oleo de phoca, e absorto na digestão do pedaço de carne crua, que a familia lhe introduzira na bocca escancarada.

Este *pendant* é curioso e instructivo.

Nas ilhas onde morrem as *colonias* operarias também ha o frio, o *bouquet* nauseabundo dos hyperboreos, a fauna irrequieta dos zooparasitas e a flora luxuriante dos microphytos, que pullulam em legiões compactas, da podridão d'um solo feito de farrapos, da lama das viellas, de detritos culinarios, etc.: também se amontoam n'essas cavernas ignobeis os rostos patibulares e asselvajados, os maltrapilhos andrajosos, cobertos d'uma crosta espessa de porcaria suina, embrutecidos dentro da sua miseria.

O operario dos grandes centros da industria é o esquimó da civilisação!

Escutemos VILLERMÉ¹ depois da sua visita ás celebres *courettes* da cidade de Lille.

«Je voudrais ne rien ajouter à ce détail des choses hideuses qui révèlent, au premier coup d'oeil, la profonde misère des malheureux habitants; mais je dois dire que dans plusieurs des lits dont je viens de parler, j'ai vu reposer ensemble des individus des deux

¹ VILLERMÉ, citado por MOREL, *Traité des dégénérescences*, etc. pag. 638.

sexes et d'âges très différents, la plupart sans chemises et d'une saleté repoussante; père, mère, vieillards, enfants, adultes, s'y pressent, s'y entassent. Je m'arrête... le lecteur achevera le tableau; mais je le prévien que s'il tient à l'avoir fidèle, son imagination ne doit reculer devant aucun des mystères dégoûtants qui s'accomplissent sur ces couches impures, au sein de l'obscurité et de l'ivresse.»

Em Liverpool havia sete mil *cellars* habitados por vinte mil pessoas; cincoenta a sessenta mil morriam nas *trazeiras* das cavernas (L. FAUCHER)¹.

É que a miseria, como dizia BERTILLON, é filha da grande industria e do salariado.

A insuficiencia dos salarios, a imprevidencia e o aformoseamento das cidades não permitem ao desgraçado o luxo d'um aposento n'uma rua espaçosa e bem ventilada, nem as roupas que protegem os membros regelados nas longas noites dos invernos rigorosos; em tal caso procura-se a mansarda, dorme-se na promiscuidade torpe dos corpos bem unidos, e faz-se o animal *of two back*.

A miseria tem a sua fecundidade propria, por vezes exagerada; imagine-se que prole ha de nascer d'estes connubios infames! É verdade que os filhos, na grande maioria dos casos, não chegam a ver claro a luz do mundo.

FAUCHER² avaliava em vinte e seis annos a vida me-

¹ L. FAUCHER, citado por M. REL, *loc. cit.*, pag. 641.

² *Ibid.*, pag. 639.

dia dos operarios e dos creados de West-End, em vinte e dois a dos de White-Chapel e em dezeseis a dos de Bethnal-Green, e os calculos de VILLERMÉ davam para as creanças de York-West e Lancaster (os dois districtos mais manufactureiros da Inglaterra) a media de dezenove e mesmo doze e meio! (BEAUGRAND)¹.

É conveniente notar que estas estatisticas abrangem os operarios e os individuos de todas as classes e profissões.

Em White-Chapel (Londres) a mortalidade dos filhos dos operarios regulava pela proporção de $\frac{1}{2}$, quasi tão extraordinaria como em Manchester e Liverpool, e n'este ultimo centro as creanças morrem só de convulsões até á idade de cinco annos, na proporção de 53 % (DUNCAN)²; em Mulhouse a vida media provavel do filho do operario é de menos de dois annos! (O. MARTINS)³.

É n'este *quatrième-dessous* social que incubam as *grèves*, os crimes, as marselhezas da fome, os gritos ululantes das barricadas, o alimento favorito da metralha, e o typho.

New-York tem a febre amarella, o Cairo tem a peste, Roma a malaria e Londres o typho.

«Os casos de molestias febris, incluindo o typho, dizia DUNCAN⁴ fallando de Liverpool, são infinitamente

¹ BEAUGRAND, in *Diccion. encycl. des sc. méd.*, art. *Manufactures*, pag. 638.

² DUNCAN, cit. por MOREL, *loc. cit.*, pag. 642.

³ O. MARTINS, *Portugal e o Socialismo*, pag. 78.

⁴ DUNCAN, *loc. cit.*, pag. 642.

mais numerosos n'esta cidade do que no resto do Reino-Unido.»

Esta asserção não parecerá exagerada, se attendermos ás condições hygienicas das habitações dos operarios, e se nos lembrarmos das celebres experiencias de PASTEUR, de TYNDALL e de MIQUEL sobre as relações da curva representativa da tara microbica, sempre ascendente á medida que nos internamos no coração das cidades, mórmente nos hospitaes mal construidos e nos bairros immundos, e essa outra curva, quasi parallela, da mortalidade pelas molestias zymoticas (R. JORGE) ¹.

As viellas vomitam diariamente na nevoa fria das manhãs a multidão somnolenta que vai para a *fabrica*: homens, mulheres, creanças, n'um torvelinho pandemonico, cruzado de apostrophes obscenas.

Ficaram na *ilha*, porventura, os velhos, capital morto que já não dá juro, e algumas creanças pallidas, roídas pela escrophula, a preparar a refeição e a desempenhar encargos, quantas vezes superiores ás suas forças! O pae, como nota MOLINARI ², soube cercar-se, legitima ou illegitimamente, d'uma familia, sem suspeitar sequer as obrigações que lhe impunha a constituição d'esse pequeno nucleo social, e vai explorando os filhos com a tyrannia implacavel d'um *patrão* bebedo e cego.

A *fabrica*, pelo lado das condições hygienicas, está ainda um pouco distante do *gyneceu* carlingiano; alli a

¹ R. JORGE, *Hygiene social (Conferencias)*, pag. 190 e seg.

² G. LE BON, *L'homme et les sociétés*, pag. 403.

mulher trabalha como a *genitaria* demievica, n'uma promiscuidade repugnante: é outro antro sem ventilação, sem luz sufficiente, como uma atmospherá viciada pelos productos da respiração dos operarios e pela nocividade das substancias diversas, transformadas pela industria.

Os trabalhadores noviços que vêm das aldéas, ignorantes na sua virgindade campezina e misturados com os camaradas da urbe, tornam-se máos e insolentes; e a mulher, sem apoio moral, inerme contra as seducções do luxo e as tentações dos prazeres mesquinhos e contra a prosa petulante dos companheiros de trabalho, torna-se fatalmente prostituta.

As creanças, á mercê do *patrão*, com uma alimentação pessima em quantidade e qualidade, produzem, em regra, uma quantidade excessiva de trabalho; o *patrão* não attende á verdade physiologica que estabelece a relação entre o trabalho mechanicó e a alimentação dos operarios; se lhes ferem os flancos os acicates da fome, manda-lhes arranjar o cinto dos neo-caldonios.

«Trabalhar para a frente ou ser despedido», eis o dilemma esmagador.

Pode portanto estabelecer-se que a lei geral do trabalho nas fabricas se reduz a isto: — a somma total dos pesos é extremamente superior á somma total das forças.

D'aqui, e de todo o conjuncto de miserias que esmagam o operario, a justificação das «molestias que affectam as creanças no ventre materno, conduzindo-as a

uma decrepitude precoce» (BLANQUI) ¹, da frequencia dos abortos, das deformações da columna vertebral, do enfezamento da estatura, do retardamento da puberdade, da escrophula, da tuberculose, do embrutecimento intellectual e moral, da miseria physiologica sob as suas fórmias mais sinistras, da degeneração, enfim, de toda uma classe. HORNE, no *Children's employment commission*, definia esta situação deploravel em uma linha energeticamente expressiva: *stagnant pools, colour of dead porter, with a glistering metallic film over them*.

Parece que ia realizar-se a prophesia de ROBERT PEEL: ² «L'emploi sans choix et sans limites des pauvres qui peuplent les districts manufacturiers, aura pour la génération présente des effets tellement sérieux et tellement alarmants, que je ne puis les envisager sans terreur; en sorte que ce grand effort du génie anglais, qui a porté à un si haut degré de perfection les machines de nos manufactures, au lieu d'être un bienfait pour le pays, deviendra pour nous la plus amère malédiction».

Volvido o grande numero de horas que o operario trabalha na *gehenna* ³, volta para a caverna onde ha de passar a noite.

¹ BEAUGRAND, *loc. cit.*, pag. 617.

² ROBERT PEEL, cit. por MOREL, *loc. cit.*, p. 651.

³ Nota THACKRAH que, nos tempos de grande actividade industrial, os operarios entram no *atelier* ás cinco horas da manhã e sahem ás nove da noite, tendo tido tres intervallos, de meia hora cada um, para as refeições.

Mas a noite é fria e longa; não ha roupas de agasalho, e a nudez dos corpos conchegados é monotona e não dá o calor sufficiente. Está allí defronte a *taberna*, onde canta alegremente uma voz aguardentada, que attrahe com uma fascinação irresistivel.

O alcool é um refrigerio, um philtro que faz esquecer a fome; e o dinheiro da feria é dissipado na taberna.

Não se pode fazer idéa do numero de victimas¹ que o *alcoolismo*² tem feito na Europa civilisada desde o seculo xi, em que a importação arabe lhe trouxe a sua preciosa *aqua vitae*.

Esta calamidade tambem tem a sua lei de propaga-

¹ Ha quem faça a apologia do *alcool*, considerando-o como meio de *estimulação* do genio. Diz-se que a este agente se devem os primores artisticos de BURNS, de BYRON e de E. PÖE, como se devem ao *opio* as paginas profundas e scintillantes de COLERIDGE e de LA QUINCEY. Esta glorificação é um disparate medico tão profundo, que não merece as honras d'uma critica sufficientemente seria. Effectivamente algumas paginas de PÖE e de HOFFMANN tresandam incontestavelmente á *vinhaça*.

² Podem-se consultar, sobre este ponto, os seguintes auctores: BORDIER, *La géographie médicale*, pag. 450 e seg.; BARON, *Le paupérisme*; LENCIER, *An. méd. psych.*, 1878, 5.º série, t. xix, pag. 310 e seg.; ROUSSEL, *An. méd. psych.*, 1878, 5.º série, t. xix, pag. 266 e seg.; RUCHNILL, *An. méd. psych.*, 1879, 6.º série, t. ii, pag. 481 e seg. e 492 e seg.; DAVIS, *An. méd. psych.*, 1879, 6.º série, t. i, pag. 473 e seg.; NASSÉ, *An. méd. psych.*, 1879, 6.º série, t. i, pag. 330; FLEMMING, *An. méd. psych.*, 1879, 6.º série, t. i, pag. 161 e seg.; WHITCOMBE, *An. méd. psych.*, 1880, 6.º série, t. iii, pag. 316 e seg.; SHUTTLEWORTH, *An. méd. psych.*, 1880, 6.º série, t. iv, pag. 135 e seg.; SCHEVERRIA, *An. méd. psych.*, 1884, 6.º série t. xii, pag. 153 e seg. e 342 e seg.; KIND, *An. méd. psych.*, 1885, 7.º série, t. i, pag. 512; BEAUGRAND, art. *manufactures*, in Dicc. de DECHAMBRE, pag. 614 e seg.

ção : suppõe-se que caminha de sul para norte, augmentando progressivamente (BORDIER).

Em 1728	de	358:857
» 1828	»	906:357
» 1840	»	1.088:302
» 1842-46	»	1.475:000

(BORDIER).

Nos Estados-Unidos, dizia o *New medical journal*, que em dez annos o alcool impoz á Republica uma despeza directa de 600.000:000 *dollars*, uma despeza indirecta de egual quantia, que levou aos asylos de infancia 100:000 orphãos, ás prisões e aos *workhouses* 158:000 individuos, causou 10:000 suicidios e determinou, por meio de incendios e violencias, pelo menos, a perda de 10.000:000 *dollars*, fez 200:000 viuvras e 1.000:000 orphãos!

Na Inglaterra o consumo annual de bebidas alcoolicas, exceptuando o vinho, era avaliado pelos calculos do Dr. CHADWICK (1833) na cifra delirante de 45 a 50 milhões esterlinos, quasi exclusivamente entre a classe operaria, e em 1878 o *The economist* calculava-o em $\frac{2}{3}$ do orçamento total (BARON).

Na Hollanda as classes operarias gastam por anno em genebra 80.000:000 francos (uma população de 4.000:000 habitantes!).

Em França o consumo medio annual era, em 1876, de 4 litros por cabeça, e na mesma epocha era de 5 litros na Allemanha e de 6 na Inglaterra; na Russia regulava (em 1867 e 1869) por 10,12 e alguns querem 20 litros.

Nos 22 cantões da Suissa a quantidade de aguardente consumida annualmente orça por 7 litros e o consumo de cerveja e de vinho oscilla entre 120 e 200 litros por habitante.

Hoje a Escocia fabrica para seu consumo annual e exclusivo 596:063 hectolitros de alcool (BORDIER).

Entre 3:800 doentes pobres admittidos, n'um periodo de vinte e cinco annos, no asylo de alienados de Birmingham, 525 ($\frac{1}{7}$) eram *alcoolicos*; entraram 764 pensionistas, entre os quaes 142 ($\frac{1}{5}$) se achavam affectados da mesma molestia. A media annual dos habitantes do asylo é de 456.

Calculando a despeza dos *alcoolicos*, que formam a setima parte d'esta população, na razão de 8 *shellings* e 6 $\frac{1}{2}$ d. por semana, chega-se á somma enorme de 36:087 lb. e 10 s. e, adicionando o custeio do *im-meuble*, 50:087 lb.

O numero total dos alienados da Grã-Bretanha era, nos primeiros dias de janeiro de 1876, de 35:372; o numero das admissões em 1875 foi de 11:020 e o custeio da sustentação de cada alienado por semana regulava por 10 s. e $\frac{1}{2}$ d.; fazendo o calculo pelos 55 asylos do Reino-Unido, acha-se que a proporção dos *alcoolicos* é de $\frac{1}{41}$ da população total.

Entraram portanto nos asylos, no anno de 1875, pelo menos 1:000 *alcoolicos*, e custaram a somma de 26:108 lb.; existe, finalmente, em toda a Inglaterra e no Paiz de Galles o numero total de 3:216 *alcoolicos*, que custam annualmente 83:964 lb., desprezando o alojamento (WHITCOMBE).

Nos departamentos da França o numero de alienados está na razão directa do numero de litros de alcool, que figura como media para cada habitante (BORDIER); e BARON affirma que a negligencia, os crimes e a imprevidencia estão na razão directa do numero de tabernas.

Desde 1826 até 1835 entraram em Charenton 1:557 alienados, entre os quaes 234 eram alcoolicos; n'esta epocha MOREL calculava-os na proporção de 200/1000 loucos; mas, como nota BORDIER, esta proporção tem augmentado constantemente.

Eis aqui a progressão:

Em 1836 era de	13,62 %
» 1837 » »	14,94 »
» 1858 » »	20,09 »
» 1859 » »	19,46 »
» 1860 » »	22,10 »
» 1861 » »	22,80 »

(BORDIER).

CRUVEILHIER avaliava em 50:000 o numero de victimas annuaes do alcool na Inglaterra, mas essa cifra é hoje superiormente elevada, e TOURQUEDEFF affiança que na Russia a mortalidade orça por 100:000.

Está hoje positivamente averiguada a influencia do alcoolismo na producção da *epilepsia* (MOREAU de Tours) e principalmente da *idiotia*, por transfusão hereditaria, mas os numeros encontrados pelos alienistas são bastante variaveis, porque os factores etiologicos das degenerescencias, que podem concorrer com a alcoolisação paterna, são extremamente numerosos e complexos.

KIND pensa até que, «depois da parturição d'um idiota por alcoolismo, a faculdade procreadora decresce nos paes em quantidade e qualidade.»

Eis aqui os numeros representativos de algumas relações entre a idiotia por alcoolismo paterno e a mesma forma de degenerescencia produzida por outras causas.

GRABHAM registrou a proporção de 0,75 %; SHUTTLEWORTH (Lancaster) 3,7 %; KNAPP (Allemanha) 6 %; WILBUR (Illinois) 22 % e mais tarde 0,70 % (?) e a Commissão de Connecticut 32,34 %.

ROSCH encontrou dois casos de *cretinismo* por alcoolisação paterna (KIND).

A maior proporção, até hoje encontrada, é a que adoptou o *Comité Dalrymple* (HOWE), segundo os documentos vindos dos Estados-Unidos; esta estatistica, apoiada por HOWE, JARVIS, e JAMES PARRISH, dá a cifra espantosa de 50 %!

No recrutamento suizo de 1880 verificou-se que a diminuição do numero dos mancebos aptos para o serviço militar variava, sobre o recrutamento de 1873, entre 5 % e 27 %. Em Genebra, no mesmo anno, a proporção dos que foram apurados para o serviço era proxivamente de 50 %, ao passo que nos fins do seculo passado regulava por 78 % (BARON).

Já ponderei as differenças de estatura e de peso encontradas por GALTON entre a mocidade estudiosa da Inglaterra e as estatisticas da mortalidade da França e da Suecia, que estabelecem a comparação pathogenica entre os *meios* rural e urbano; não será de todo inutil

acrescentar que uma diminuição analoga de estatura e de força se tem demonstrado em Manchester, e que MAC GRIGOR accentua as mesmas diferenças entre a mocidade que constitue o exercito inglez.

THOUVENIN chegou a estas mesmas conclusões para a França: em Lille, para encontrar 100 soldados, é preciso escolher entre 300 homens; em Rouen, entre 266; em Elbeuf, entre 268; em Mulhouse, entre 210; em Nimes, entre 247 e na França, tomada em globo, entre 186 (BEAUGRAND).

Alguns sociologistas (BARON, entre outros) querem ver na acção exclusiva do alcool a causa d'este desmembramento organico e social. É um erro. O alcool será um dos factores principaes, o factor culminante, porventura; mas as causas do desastre são complexas, e devem procurar-se em todos os elementos que figuram na etiologia geral das degenerescencias psychicas.

O alcoolismo paterno pode mostrar-se nos filhos como simples desequilibracão nervosa, como epilepsia de forma franca e classica ou de forma *larvada*, como imbecillidade, idiotia, etc., e H. MARTIN proclama, em nome da observação clinica, que ao alcoolismo dos paes se deve attribuir grande numero de casos de *convulsões* da infancia.

Este poderoso factor etiologico das degenerescencias psychicas, que tambem actua grandemente nas classes abastadas (MOREL), pode exercer a sua acção por varios processos.

Quando o alcoolismo é uma molestia confirmada, ou quando, na ausencia de molestia positiva, o indivi-

duo procria no estado de embriaguez, intervém, a meu ver, o elemento hereditario; quando o pae é robusto e só a mãe abusa das bebidas alcoolicas no periodo de gestação, a suspensão da evolução cerebral do feto pode dar-se, como no caso em que a mãe abusa d'essas bebidas durante a epocha em que amamenta o filho e em que se verifica a alcoolisação pelo leite.

Além da torpeza da habitação, da fabrica e da taberna, o operario tem patente a prostituição em larga escala e a syphilis, sua companheira. A energia d'estes elementos na bancarrota da mentalidade é tão conhecida, que toda a insistencia da minha parte seria banal e ociosa.

Á vista d'este quadro, rapidamente esboçado, não se admiram as estatisticas da criminalidade, colhidas entre a fauna doentia das viellas, que provocaram o seguinte judicioso periodo de L. FAUCHER ¹: «Le progrès du crime, lorsqu'il se manifeste avec cette rapidité violente, est toujours le symptôme de quelque trouble dans l'économie intérieure de la Société.»

A habitação, a fabrica, a taberna, a ignorancia e a prostituição; eis os mais largos atalhos confluentes d'uma estrada commum — a miseria social — que conduz directamente para dois campos sinistramente limitrophes: a miseria physiologica e a ruína psychica da raça.

ROSENBACH ² procedeu a estudos curiosos sobre as

¹ L. FAUCHER, cit. por MOREL, *loc. cit.*, pag. 650.

² ROSENBACH, *An. méd. psych.*, 1884, 6.ª série, t. XII, pag. 506 e seg.

modificações dos centros nervosos nos casos de *inanição*; encontrou «degenerescencias atrophicas das cellulas nervosas, que interessam tambem a neuroglia e os vasos, mas deixam intactas as fibras nervosas e os elementos do tecido conjunctivo.» Estas alterações manifestam-se no cerebro, cerebello, espinhal-medulla e ganglios do grande sympathico.

Na espinhal-medulla notou a *tumefacção turva* das cellulas dos cornos anteriores, leucocythos fóra dos vasos, exsudados plasmaticos e degenerescencia dos endothelios vasculares.

A neuroglia via-se tumefacta e turva, mas sem modificações estruturales das suas cellulas; a substancia branca offerecia pequenas alterações apreciaveis, e a myelina e o cylinder-axis dos nervos periphericos não pareciam alterados.

POPOW e MANKOVOSKI tinham já verificado lesões analogas nos animaes mortos por *inanição*.

Se estas lesões são reaes nos individuos fallecidos de inanição, quem pode affirmar que ellas ou algumas d'ellas não existam, embora em grau inferior, nos entes miseraveis constantemente mordidos pela fome?

Vê-se agora, summariamente, quanto o *meio urbano* actual é violentamente malefico para o vigor das populações que o habitam. Este estado de cousas é sobretudo commovente, quando reflectimos sobre os desastres da *selecção militar* e sobre esta invencivel tendencia moderna para a transformação das civilisações agricolas em civilisações industriaes.

Abrindo este estudo etiologico pela *hereditariedade*

e pelos *casamentos consanguineos*; acompanhando a mulher, durante o trabalho mysterioso da *gestação* e seguindo a creança na sua *educação* domestica e social; passando uma revista rapida aos meios *rural* e *urbano*, pareceu-me que se fechava o circulo vicioso da etiologia geral das degenerescencias psychicas. Podia ficar mais perfeito, traçado a compasso, em vez de ser riscado pela mão tremula e desacompanhada do principiante.

O camponez que transpõe os umbraes da *fabrica*, o sadio aldeão que entra tímido no convívio depravado das casernas, a creança que se esfalfa no trabalho rude das *officinas*, e tantas vezes o estudante que se desfibra na vida bestificante dos *collegios* ou na aspera lide dos *estudos excessivos*, serão os paes dos degenerados do porvir.

Discutir a prophylaxia tendente a combater as causas de degeneração da especie, procedentes dos centros industriaes, seria entrar no amago do mais momentoso de todos os problemas sociaes, e pedirei venia para não ferir tal discussão.

A fallar a verdade, as condições hygienicas das habitações dos operarios nas cidades industriaes a que me tenho referido (Londres, Liverpool, Manchester, Lille, Mulhouse, etc.), estão hoje favoravelmente modificadas, com relação á epocha em que escreviam VILLERMÉ, CHADWICK, FAUCHER, DUNCAN, ROBERT PEEL e outros.

Em Liverpool e Lille a maior parte das *cellars* e das *courettes* têm sido eliminadas e, sobretudo em Mulhouse, as condições da classe operaria têm melhorado consi-

deravelmente ha annos a esta parte, sob a influencia benefica da *Sociedade industrial dos patrões*; medidas analogas têm sido observadas em Guebwiller.

É urgente acabar com os *ménages* em commum para não escandalisar a moralidade nem fazer negaças aos microbios do garrotinho, da variola e do typho, e arrazar as *ilhas* que ainda restarem.

Sobre as ruínas d'esse esterquilinio, para escarmento das gerações vindouras, não ficaria mal um monumento a Cambronne.

As condições da fabrica são mais dificeis de modificar, mas estamos auctorizados a esperar da *electricidade* uma transformação profunda na mechanica da industria moderna.

A redução do numero de horas de trabalho a uma proporção justa para cada ramo especial da industria, tanto para as creanças como para as mulheres e adultos, é uma medida economica e hygienica que, combinada com a fixação d'um salario correspondente ás necessidades e exigencias do centro industrial em que se vive, contribue poderosamente para revigorar a saude do trabalhador e para augmentar a sua capacidade productiva.

Se é certo que a formula de LASSALE¹ se não pode admittir d'uma maneira absoluta, não é menos verdade que o operario não é, como bem diz GUYOT², um utensilio inerte, uma especie de dente de engrenagem que

¹ «A producção está na razão inversa da duração do trabalho».

² GUYOT, *La science économique*, pag. 277.

vá marchando automaticamente até á usura completa. É preciso que, além do numero de horas de trabalho na fabrica, lhe reste tempo para se consagrar aos affectos da familia, aos seus negocios individuaes, ás leituras, ás reuniões, a algum estudo que o deva interessar, e ao somno (Guyot).

É já banal preconisar as casas operarias, as caixas de segurança e previdencia, as sociedades cooperativas e, acima de tudo, a instrucção.

Nos paizes assoberbados pelo *pauperismo* os governos só têm dois meios de resolver o problema terrível do capital e do trabalho:—o *canhão* Krupp e a *instrucção*.

Não se trata aqui d'essa *sòi-disant* instrucção illusoria, ridicula e torpe, que se propina nas escholas primarias officiaes; trata-se d'uma *instrucção geral* (mais facil de se conseguir do que se suppõe), que forma o character¹ dos homens fortes, e d'uma *instrucção professional*, que forma o operario, collocando-o ao abrigo das *crises* industriaes.

D'este modo, em vez de abater o nivel intellectual e moral e de augmentarem correspondentemente as exi-

¹ O conhecimento dos *direitos* e o respeito inviolavel do *dever* adquirem-se pela instrucção; já se vê que se exceptuam d'esta regra os *imbecis moraes*, incorrigiveis por tal processo, que é apenas um meio prophylactico para previnir este estado de miseria psychica. A instrucção é o mais solido esteio da moral, que attingirá o seu *desideratum*, quando o habito de practicar o *bem* e evitar o *mal* (concepções relativas a cada epocha) se tornar organico e portanto automatico. A instrucção que principie e a hereditariedade fará o resto.

gencias d'estes parias da civilisação, como o demonstrou o ultimo Congresso operario de Marselha, manifestar-se-ia uma reacção vitalisadora, que havia de elevar esse nivel deprimido, garantindo a *previdencia* contra a ignorancia. ROBERT PEEL, sendo interrogado em 1848 sobre a possibilidade d'uma *revolução* na Inglaterra, respondeu que tal movimento não inspirava receio, *porque os operarios sabiam economia politica* (G. LE BON) ¹.

Hoje, como sempre, a instrucção é o grande *Deus-ex-machina* da vitalisação d'um povo, e a Sociedade, em vez de tragar a sua obra com um appetite de Saturno, tem um unico caminho a seguir: *instruir e proteger*.

Não se lhe pede que faça tudo d'uma vez, d'um só jacto; porque na Sociedade, como na Natureza, não ha *revoluções*, ha só *evoluções*; mas, se uma medida revolucionaria, abrupta e prompta, é inexequível, pede-se-lhe apenas que vá melhorando, muito pouco que seja, as condições em que se exerce o *trabalho* — essa grande força viva de todas as transformações sociaes.

No mundo psycho-organico, como no mundo social, para a *humanisação*, como para a *deshumanisação*, a influencia directa de muitas quantidades infinitesimae, concorrentes ao mesmo fito, produz muitas vezes um *integral* immenso.

Instrucção e protecção, repito, eis os dois meios de conjurar o perigo das grandes vinganças da multidão

¹ G. LE BON, *L'homme et les sociétés*, pag. 407.

anonyma, vilipendiada e offendida através do perpassar de cada seculo; n'estas duas palavras, tão singelas, contém-se um lemma social, do mais profundo interesse philosophico e practico.

moderna, tipificada e oficializada através da progressão
de cada século; a estas duas palavras, tão simples,
contém-se um lençol social, do mais profundo interesse
filosofico e pratico.

COPIA DE UM MANUSCRITO
DO SENHOR DEUS

A esta obra, que trata de um assunto tão importante
para a humanidade, não se deve dar o nome de tratado,
porque este nome implica uma obra de natureza dogmatica,
e não de natureza philosophica.

Esta obra, que trata de um assunto tão importante
para a humanidade, não se deve dar o nome de tratado,
porque este nome implica uma obra de natureza dogmatica,
e não de natureza philosophica.

Esta obra, que trata de um assunto tão importante
para a humanidade, não se deve dar o nome de tratado,
porque este nome implica uma obra de natureza dogmatica,
e não de natureza philosophica.

Esta obra, que trata de um assunto tão importante
para a humanidade, não se deve dar o nome de tratado,
porque este nome implica uma obra de natureza dogmatica,
e não de natureza philosophica.

Esta obra, que trata de um assunto tão importante
para a humanidade, não se deve dar o nome de tratado,
porque este nome implica uma obra de natureza dogmatica,
e não de natureza philosophica.

CONCLUSÕES CLINICAS

A analyse minuciosa dos casos clinicos estudados no decurso d'este trabalho permite uma resposta ao problema proposto pela Sociedade Medico-Psychologica de Paris.

A minha resposta é a seguinte :

Nem sempre é possível reconhecer que uma dada molestia mental é *hereditaria*, na ausencia de noções sobre os antecedentes do doente, porque este pode apresentar-se com o quadro clinico classico da *loucura degenerativa*, sem ser positivamente um *hereditario*, mas os inqueritos etiologicos aclaram sempre um conjuncto de condições que permitem suppôr graves defeitos na evolução fetal ou infantil do alienado.

Na enorme maioria dos casos, porém, a resposta poderá ser affirmativa. Não ha forma nosologica especial denominada — *loucura hereditaria*, ha a *loucura degenerativa* : eis tudo.

No estado actual da psychiatria entendo que ainda não ha razões para separar os *delirantes chronicos* dos *degenerados*, e considero o *delirio chronico* como um

syndroma episodico da loucura degenerativa (delirio systematisado primario).

Para terminar, transcrevo da obra de KRAFFT EBING ¹ os symptomas differenciaes que admitto, com este alienista, entre as *psycho-nevroses* puras e as *degenerescencias psychicas*:

Psycho-nevroses

Degenerescencias psychicas

I

Doenças como que *parasitarias*, desenvolvidas casualmente em individuos, cujas funcções cerebraes se exerceram regularmente até ao momento da *invasão*. A doença não podia *prever-se*.

Doenças *constitucionaes*, isto é, abrangendo quasi toda a constituição dos individuos que, *ab ovo*, ou pelo menos nos primeiros annos da vida, denunciaram uma constituição *nevro-psychopathica*, cujo systema nervoso central se encontrava sempre n'um estado de *equilibrio instavel* e cuja perda podia *prever-se*.

II

Doenças desenvolvidas pela coexistencia d'uma *disposição temporaria* (por exemplo, uma doença physica grave) com causas occasionaes *importantes*. Não havia manifestado predisposição hereditaria, que pode, comtudo, existir.

O cerebro era o orgão fraco,

II

Causas occasionaes *futeis*, inclusive as phases physiologicas da existencia (puberdade, puerperalidade, idade critica, etc.). A doença determina-se, principalmente, por uma disposição *hereditaria* ou desenvolvida por effeito de lesões antigas (traumatismos molestias cerebraes, etc.), que

¹ Vide KRAFFT EBING, *Lehrbuch der psychiatrie* (tomo II) ou a sua traducção italiana de SILVIO TONNINI e GIUSEPPE AMADEI, tom. II, pag. 4, 5 e 6. Só depois de completo o meu trabalho pude ter conhecimento d'esta traducção. Vide tambem *An. med. psych.*, 1881, 6.ª série, t. V, pag. 337.

tendo funcionado bem até á epocha da invasão.

affectaram o cerebro *em plena evolução*. A doença é, frequentemente, como o ultimo anel d'uma cadeia de estados pathologicos, cada vez mais graves e intensos (irritação espinhal, epilepsia, hysteria, hypochondria).

III

Tendencia para a *cura* e rari-
dade das recidivas.

III

Pouca tendencia para a *cura*. A maior parte das vezes apenas se nota a reversão para o *statu quo ante*. Recidivas frequentes e formas cada vez mais graves.

IV

Pouca tendencia para a *transmissão* aos descendentes e, dando-se, apparecem sempre as *formas benignas* (psycho-nevroses).

IV

Grande tendencia para a *transmissão* aos descendentes, apparecendo n'estes formas progressivamente *mais graves* (degeneração hereditaria progressiva).

V

Marcha typica. A *mania* vem, em regra, precedida por um estado *melancholico*, e os estados *secundarios* seguem-se e derivam dos *primarios*. A forma pathologica, mesmo quando apparece *transitoriamente*, tem uma certa duração e *independencia*. *Pouca duração*, e tendencia para a *convalescença* ou para a *demencia*.

V

Podem apparecer sob a forma de qualquer psycho-nevrose, preponderando as que traduzem uma forma organica mais grave.

Marcha *irregular*; permutação sem motivo, irregular, dos mais differentes estados. Manifestação abrupta d'uma serie determinada de symptomas. Apparecem *estados transitorios* d'uma certa duração (periodo de estado), mas nunca formas puras, e muitas vezes uma mistura das mais diversas formas. A doença é, pois, um proteu, e porisso inclassificavel debaixo do ponto de vista

physio-pathologico. *Longa duração*, acompanhando muitas vezes o doente até á morte e persistindo sempre n'um certo grau de desenvolvimento. Raro tende para a *demencia*, ou, pelo contrario, passa a este estado primeiro do que uma *psycho-nevrose* pura.

VI

Não ha *periodicidade* nem no ataque, nem no apparecimento de certos *symptomas*.

VI

Grande tendencia para a *periodicidade* dos ataques. A *periodicidade* é um signal de degenerescencia.

VII

Idéas falsas; concepções delirantes, preponderando as que nascem geralmente do estado *psycho-logico* do individuo, como *objectivação* e explicação do humor, affectos e movimentos *pathologicos* emocionaes. O doente sente-se logicamente satisfeito por meio d'ellas. São *symptomas* tardios da doença e, em geral, harmonicos com o humor preponderante.

VII

Idéas falsas, preponderando as da esphera *physio-pathologica*, como que creações directas, espontaneas, d'um *cerebro* doente (*delirio primordial*). Surgem abruptamente, sem motivo. O doente extranha as idéas falsas, admira-se do seu apparecimento, associa-as e justifica-as com difficuldade. São manifestações precoces da doença. No seu conteúdo são independentes do humor preponderante. Podem apparecer em todo o percurso da doença ou limitar-se a um *delirio affectivo* ocasional. Na falta d'ellas apparecem desordens formaes da ideação (*idéas* forçadas, impostas (*obsessões*), loucura lucida), ou a *imbecillidade* congenita, original.

VIII

O conteúdo das concepções de-

VIII

Assumpto extravagante, mons-

lirantes deriva pathologicamente, mas logicamente, de premissas falsas, e é harmonico com o modo de pensar e sentir da vida physiologica.

IX

O estado normal e pathologico são nitidamente distinctos : não coexistem.

IX

Muitas vezes, dá-se a passagem completamente inapreciavel da predisposição pathologica para a loucura confirmada. No auge da doença, mistura extranha da perversão pathologica com a *lucidez*.

X

As acções do doente são, em regra, motivadas.

X

Frequentemente *acções impulsivas*.

XI

Desenvolvimento e desaparecimento gradual da doença.

XI

Apparecimento brusco do ataque (principalmente na alienação *periodica* e nos delirios symptomaticos : *hysteric* e *epileptico*).

FIM.

... ..
... ..
... ..
... ..
... ..

IX

X

... ..
... ..
... ..
... ..
... ..

XI

XII

... ..
... ..

... ..
... ..
... ..
... ..

XIII

... ..
... ..
... ..

INDICE

	Pag.
Preambulo — A escolha do ponto. As <i>monomanias</i> e a observação medica. Os <i>criminosos</i> . LÉLUT, JACOBY, IRELAND, WIEDEMEISTER, MOREAU (de Tours) e os loucos da historia. A extinção das aristocracias. Divisão do assumpto	1
Historia geral da psychiatria, comprehensão da loucura degenerativa e classificação	11
I — A theoria da evolução. Vantagens d'um esboço historico. A funcção critica da eschola de Cós em psychiatria: HIPPOCRATES. A eschola d'Alexandria: HEROPHILO, STRABÃO, ERASISTRATO. A psychiatria na Italia: ARETEU, GALENO, SORANUS, CUELIO AURELIANO, ASCLEPIADES. Resumo das idéas dos alexandrinos sobre a loucura. A idade-media e A. COMTE. As causas da decadencia scientifica. O <i>diabo</i> na etiologia da loucura: a doutrina da <i>possessão</i> . Os <i>blasphemos</i> e os <i>extaticos</i> , os conventos e as epidemias de loucura hysterica. A Salpetrière. Tratamento dos loucos pelo exorcismo e pelo martyrio. A Renascença. ERASMO e RABELAIS, MONTAIGNE e CHARRON, os astrônomos, os physicos, os chimicos, os medicos e os philosophos. Tentativas de reconstituição psychiatria. De VAN HELMONT a PINEL: a doutrina da <i>ILLUSÃO</i> . O methodo <i>introspectivo</i> e o methodo <i>experimental</i> . Os erros: <i>geocentrico</i> , <i>anthropocentrico</i> e <i>psychocentrico</i> . O ultra-mysticismo de HEINROTH e a <i>eschola somatica</i>	11
II — Taboa rasa e reconstituição scientifica. O homem. Como elle <i>progride</i> e como <i>degenera</i> : a adaptação e a hereditarie-	

	Pag.
dade. Mechanismo da evolução regressiva. A <i>idiotia esteril</i> . Medidas craneometricas. A transformação das nevroses e psychoses por hereditariedade.....	32
III — MOREL e as degenerescencias. Os pathologistas que se têm interessado na questão. Degenerescencias psychicas e psycho-nevroses. A classificação: MOREL e KRAFFT EBING. Os <i>degenerados</i> e os <i>predispostos</i> de MAGNAN. O problema da sociedade medico-psychologica de Paris.....	45
Symptomatologia	53
I — <i>Disposições proteiformes dos predispostos</i> . Os excentricos e os degenerados da litteratura. E. ZOLA. Os estygmas somaticos, as perversões funcçionaes e os estygmas psychicos. A loucura moral.....	53
II — <i>Symptomas da loucura degenerativa confirmada</i> . A invasão. O despotismo hereditario e as perturbações da evolução do cerebro durante a vida intra-uterina e na primeira infancia. <i>Observações</i> e induções clinicas. O delirio dos degenerados: incoherencia e systematisação delirante. O <i>delirio chronico</i> de MAGNAN. Discussão.....	90
Anatomia pathologica e pathogenia — Mechanismo da hereditariedade. As <i>unidades</i> physiologicas de H. SPENCER. Os organismos unicellulares e os animaes superiores. O poder da hereditariedade. Os <i>residuos</i> cerebraes e o <i>atavismo</i> . Provas da existencia d'estes <i>residuos</i> e applicação da theoria da hereditariedade aos cruzamentos dos psychopaths. As lesões cerebraes congenitas dos degenerados e as explicações pathogenicas. Os idiotas. As <i>impulsões</i> e a circulação cerebral. Pathogenia do delirio systematisado primario....	173
Etiologia e prophylaxia — As <i>causas</i> em pathologia. A <i>hereditariedade</i> . Estatisticas. Causas das divergencias. A unidade diathesica. A <i>consanguinidade</i> . Tres opiniões. Os organismos inferiores, a zootechnia, os casos clinicos. Como se fazem as estatisticas e como se deviam fazer. Discussão. Não se pode aventurar uma opinião absoluta ácerca de taes casamentos. Prophylaxia. <i>Epocha da gestação</i> e <i>primeira infan-</i>	

<i>cia</i> . Influencia do <i>meio materno</i> . A idiotia. Indicações prophylacticas. A <i>educação</i> e a <i>instrução</i> . As opiniões. PINEL e LEIBNITZ. Como é entre nós a <i>educação physica</i> , a <i>educação moral</i> e a <i>educação intellectual</i> . A clinica. A bifurcação dos destinos. A <i>instrução secundaria</i> e a <i>superior</i> . Irresponsabilidade geral. A <i>educação da mulher</i> : resultados para a craneologia. Prophylaxia. Os principios fundamentaes da <i>educação</i> . <i>Educação intellectual</i> , <i>educação moral</i> e <i>religião</i> .— <i>O meio rural</i> — As causas. Opinião de CULLERRE. Discussão da opinião de WILCHOW sobre a idiotia e o cretinismo. Discussão da etiologia do cretinismo. Endemicidade e hereditariedade. A <i>alteração</i> e <i>exclusivismo</i> das substancias alimentares e as <i>fomes</i> . A <i>hygiene rural</i> . As <i>minas</i> . Prophylaxia.— <i>Os centros industriaes</i> — Comparação com os <i>meios ruraes</i> . Acção do <i>meio urbano</i> sobre a mentalidade dos habitantes. Acção selectiva. Opinião de JACOBY; as estatisticas. As habitações dos operarios e a mortalidade. A fabrica e as creanças. A taberna: resultados funestos para a saude das populações. O <i>alcoolismo</i> , a <i>epilepsia</i> e a <i>idiotia</i> . A miseria. Lesões nervosas da inanição. Prophylaxia : a <i>protecção</i> e a <i>instrução</i>	197
Conclusões clinicas — Loucura <i>hereditaria</i> e loucura <i>degenerativa</i> . O <i>delirio chronico</i> . Quadros comparativos dos symptomas das <i>psycho-nevroses</i> e das <i>degenerescencias psychicas</i> ...	293
Indice	299
Erratas	303

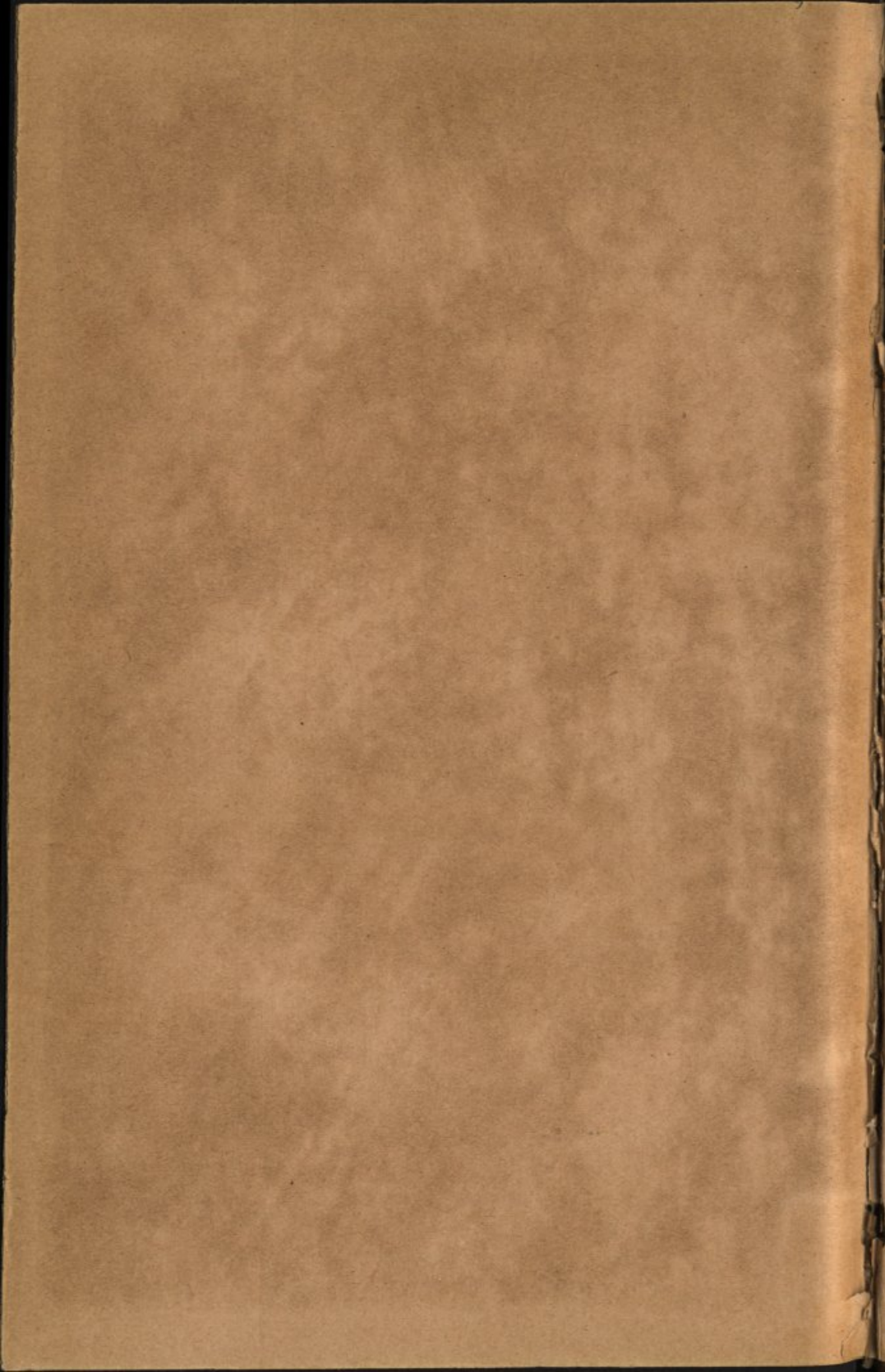
381
 382
 383
 384
 385
 386
 387
 388
 389
 390
 391
 392
 393
 394
 395
 396
 397
 398
 399
 400
 401
 402
 403
 404
 405
 406
 407
 408
 409
 410
 411
 412
 413
 414
 415
 416
 417
 418
 419
 420
 421
 422
 423
 424
 425
 426
 427
 428
 429
 430
 431
 432
 433
 434
 435
 436
 437
 438
 439
 440
 441
 442
 443
 444
 445
 446
 447
 448
 449
 450
 451
 452
 453
 454
 455
 456
 457
 458
 459
 460
 461
 462
 463
 464
 465
 466
 467
 468
 469
 470
 471
 472
 473
 474
 475
 476
 477
 478
 479
 480
 481
 482
 483
 484
 485
 486
 487
 488
 489
 490
 491
 492
 493
 494
 495
 496
 497
 498
 499
 500
 501
 502
 503
 504
 505
 506
 507
 508
 509
 510
 511
 512
 513
 514
 515
 516
 517
 518
 519
 520
 521
 522
 523
 524
 525
 526
 527
 528
 529
 530
 531
 532
 533
 534
 535
 536
 537
 538
 539
 540
 541
 542
 543
 544
 545
 546
 547
 548
 549
 550
 551
 552
 553
 554
 555
 556
 557
 558
 559
 560
 561
 562
 563
 564
 565
 566
 567
 568
 569
 570
 571
 572
 573
 574
 575
 576
 577
 578
 579
 580
 581
 582
 583
 584
 585
 586
 587
 588
 589
 590
 591
 592
 593
 594
 595
 596
 597
 598
 599
 600
 601
 602
 603
 604
 605
 606
 607
 608
 609
 610
 611
 612
 613
 614
 615
 616
 617
 618
 619
 620
 621
 622
 623
 624
 625
 626
 627
 628
 629
 630
 631
 632
 633
 634
 635
 636
 637
 638
 639
 640
 641
 642
 643
 644
 645
 646
 647
 648
 649
 650
 651
 652
 653
 654
 655
 656
 657
 658
 659
 660
 661
 662
 663
 664
 665
 666
 667
 668
 669
 670
 671
 672
 673
 674
 675
 676
 677
 678
 679
 680
 681
 682
 683
 684
 685
 686
 687
 688
 689
 690
 691
 692
 693
 694
 695
 696
 697
 698
 699
 700
 701
 702
 703
 704
 705
 706
 707
 708
 709
 710
 711
 712
 713
 714
 715
 716
 717
 718
 719
 720
 721
 722
 723
 724
 725
 726
 727
 728
 729
 730
 731
 732
 733
 734
 735
 736
 737
 738
 739
 740
 741
 742
 743
 744
 745
 746
 747
 748
 749
 750
 751
 752
 753
 754
 755
 756
 757
 758
 759
 760
 761
 762
 763
 764
 765
 766
 767
 768
 769
 770
 771
 772
 773
 774
 775
 776
 777
 778
 779
 780
 781
 782
 783
 784
 785
 786
 787
 788
 789
 790
 791
 792
 793
 794
 795
 796
 797
 798
 799
 800
 801
 802
 803
 804
 805
 806
 807
 808
 809
 810
 811
 812
 813
 814
 815
 816
 817
 818
 819
 820
 821
 822
 823
 824
 825
 826
 827
 828
 829
 830
 831
 832
 833
 834
 835
 836
 837
 838
 839
 840
 841
 842
 843
 844
 845
 846
 847
 848
 849
 850
 851
 852
 853
 854
 855
 856
 857
 858
 859
 860
 861
 862
 863
 864
 865
 866
 867
 868
 869
 870
 871
 872
 873
 874
 875
 876
 877
 878
 879
 880
 881
 882
 883
 884
 885
 886
 887
 888
 889
 890
 891
 892
 893
 894
 895
 896
 897
 898
 899
 900
 901
 902
 903
 904
 905
 906
 907
 908
 909
 910
 911
 912
 913
 914
 915
 916
 917
 918
 919
 920
 921
 922
 923
 924
 925
 926
 927
 928
 929
 930
 931
 932
 933
 934
 935
 936
 937
 938
 939
 940
 941
 942
 943
 944
 945
 946
 947
 948
 949
 950
 951
 952
 953
 954
 955
 956
 957
 958
 959
 960
 961
 962
 963
 964
 965
 966
 967
 968
 969
 970
 971
 972
 973
 974
 975
 976
 977
 978
 979
 980
 981
 982
 983
 984
 985
 986
 987
 988
 989
 990
 991
 992
 993
 994
 995
 996
 997
 998
 999
 1000

ERRATAS

Encontram-se no texto alguns erros typographicos, que escapam frequentemente n'uma revisão rapida, e que o leitor benevolo por certo desculpará. Aponto simplesmente os principaes, que poderiam prejudicar o pensamento do livro.

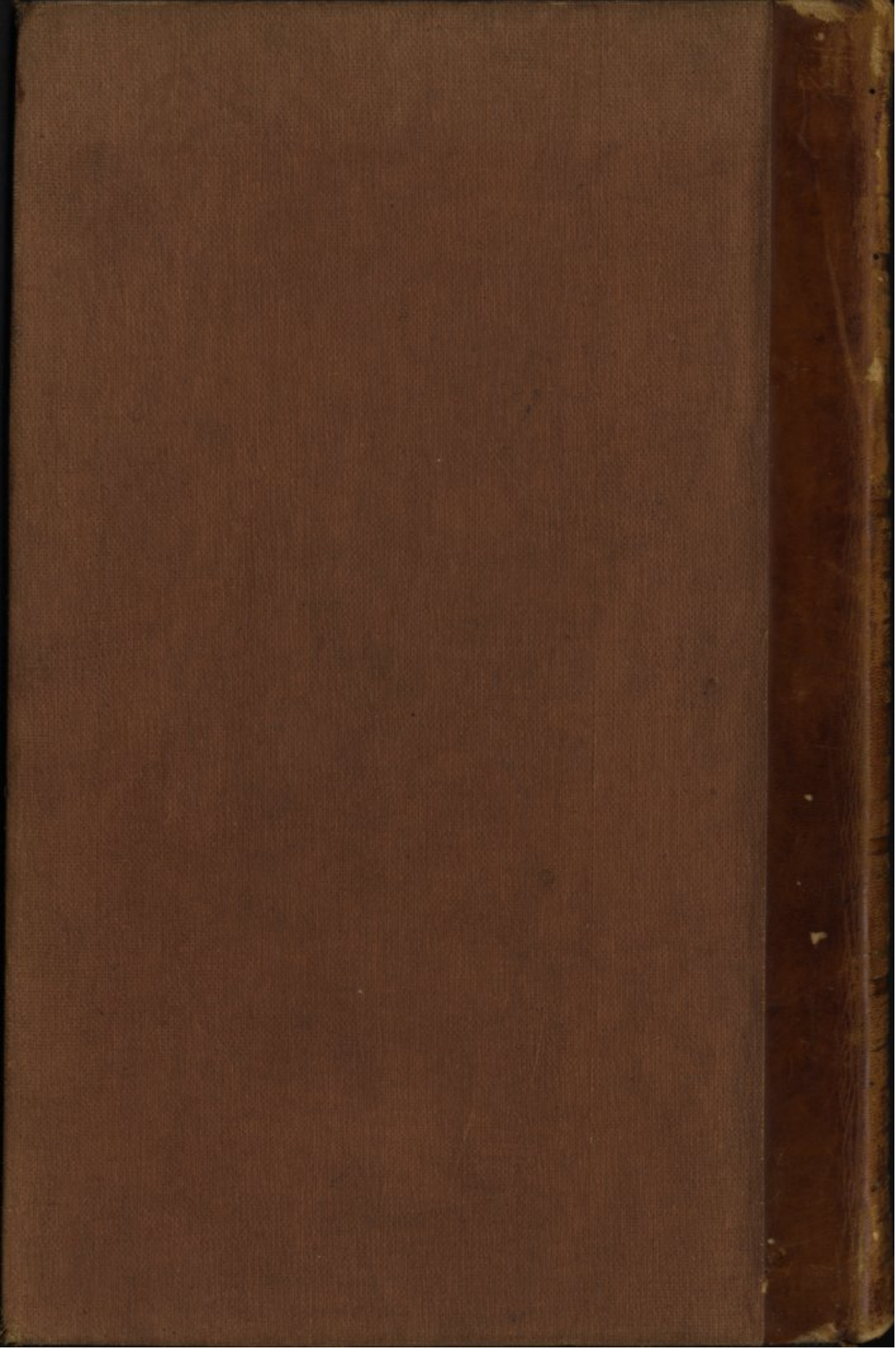
<i>Pag.</i>	<i>Linh.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
37	7	<i>hypochondriacas a lypemania,</i>	<i>hypochondriacas, a lypemania</i>
44	4	<i>croréiques</i>	<i>choréiques</i>
66	15	<i>eminencia</i>	<i>imminencia</i>
85	17	<i>loucuras</i>	<i>lacunas</i>
128	1	<i>E</i>	<i>Ê</i>
135	6	<i>Observação xxvii</i>	<i>Observação xxviii</i>
149	2	<i>symptomática</i>	<i>symptomatologica</i>
160	1	<i>facto</i>	<i>fato</i>
171	2	<i>symptomática</i>	<i>symptomatologica</i>
173	19	<i>homunco</i>	<i>homunculo</i>
174	1	<i>de</i>	<i>do</i>
178	20	<i>aquella</i>	<i>aquelle</i>
243	19	<i>com</i>	<i>como</i>
265	2	<i>sabiam, ler</i>	<i>sabiam ler</i>







60984 81800



MEDICINA

DE

LEOPIOLDO

FRANCO

DE

PARANÁ

DE

1880

DE

1880

DE

1880

DE

1880

DE

1880

DE

1880

DE

1880

DE

1880

DE